

## ALMINHAS E CRUZEIROS DO CONCELHO DO SABUGAL: ANÁLISE E COMPREENSÃO DO FENÓMENO ATRAVÉS DAS FERRAMENTAS SIG

*Jorge Torres*

ANTROPÓLOGO | CÂMARA MUNICIPAL DO SABUGAL

*Marcos Osório*

ARQUEÓLOGO | CÂMARA MUNICIPAL DO SABUGAL E CEAACP

As alminhas são uma manifestação de religiosidade popular presente quase exclusivamente em Portugal e Galiza, com raros casos em outros territórios. Mesmo no nosso país não se espalham de igual modo por todas as regiões. Predominam no norte e centro do continente, sendo escassa a sua presença na metade sul. Nas regiões autónomas também não se encontram com facilidade. Grosso modo, é no Minho, Trás-os-Montes e Beira Alta que nos deparamos com as mais fortes concentrações.

O seu aparecimento é uma consequência do Concílio de Trento (1546-1562), evento de grande importância no contexto da Contra Reforma. Entre muitas outras medidas tomadas, foi decidida a confirmação da existência do Purgatório e a recomendação da prática da oração pelas almas que nele se encontravam. As indicações transmitidas aos párocos para que incentivassem a prática da oração por parte dos fiéis levou a que se fossem espalhando, ao longo de caminhos, no limiar das povoações ou mesmo em alguns pontos destacados destas, as alminhas – marcos recordando a necessidade de cumprir as práticas estatuídas.

Mais tarde, já no século xx, após um período de diminuição deste culto, foi lançada uma forte campanha, a nível nacional, tentando incentivar os fiéis a retomar essas práticas antigas. O seu grande incentivador foi o Padre Francisco Babo, autor de um pequeno livro sobre o tema, alvo de repetidas reedições. Nos textos nele inseridos, incentivavam-se os bons católicos a preservar ou recuperar as antigas alminhas, manter as práticas religiosas associadas e mesmo a erguer novas alminhas nos locais onde não existissem ou em que se encontrassem em adiantado estado de degradação.

Variando muito na sua forma e elementos componentes, podemos caracterizar uma alminha como um monumento votivo composto por um bloco encimado por uma cruz e contendo um nicho onde, tradicionalmente, se encontram representadas as almas do Purgatório e Cristo (ou um santo). Esta descrição genérica sofre muitas variantes, podendo mesmo estar ausente a cruz ou o nicho.

## O projeto INPAC

Reconhecendo a importância de inventariar todas aquelas manifestações de património popular que são, com frequência, desvalorizadas, como é o caso das alminhas, cruzeiros, marcas cruciformes, poldras, pontões, troncos de ferro, ou outros, foi criado um projeto conjunto do Gabinete de Arqueologia e Museologia e do Gabinete SIG da Câmara Municipal do Sabugal. Com o nome de INPAC (Inventário do Património Artístico e Arquitetónico do Concelho), foi lançado em meados de 2014, apontando para um grupo limitado de elementos, que se tem vindo a alargar com a inclusão de novos aspetos patrimoniais. A forma como foi concebido leva a que seja muito fácil ir acrescentando outros tipos de elementos, sem prejudicar, de algum modo, o trabalho anteriormente realizado.

Verificando-se que está praticamente concluída a componente relativa às alminhas, aproveita-se a oportunidade para dar a conhecer este trabalho, apresentando já alguns exemplos de ferramentas utilizadas para o levantamento e estudo dos dados obtidos. A metodologia adiante explicada é utilizada em todos os casos, não sendo exclusiva do levantamento das alminhas.

Nas diferentes zonas do concelho, podemos encontrar dois termos para identificar estes monumentos: «alminha» ou «cruzeiro». De acordo com o local, usa-se uma das denominações, ou mesmo as duas de um modo relativamente indiferenciado. Como o projeto abrange as alminhas e cruzeiros como duas realidades distintas, é importante clarificar os conceitos.

O critério diferenciador escolhido para a adequada separação destas duas categorias privilegia o seu uso. Assim, temos:

1. Alminha – monumento que apela à oração pelas almas do Purgatório. Tendo presente que a doutrina define que a ida para o Purgatório resulta, de uma forma simples, de a morte repentina ter impedido a possibilidade do arrependimento, a alminha está frequentemente associada a um ponto em que ocorreu uma morte violenta. Pode ter como função apelar a uma oração anónima ou por alguém que está nela claramente identificado. Em certos casos, a inscrição solicita mesmo um «Pai Nosso» ou «Avé Maria». Pode ter ou não a forma de cruz;
2. Cruzeiro – monumento que está associado a um caminho em direção a um local de importância religiosa (como um santuário ou capela) ou assinala uma efeméride. Alguns resultam da divisão de calvários

(conjunto de três cruces, sendo a central mais elevada ou de maiores dimensões). Tem sempre a forma de uma cruz.

Este trabalho aborda apenas o que consideramos serem as alminhas, deixando de fora os cerca de sessenta cruzeiros e calvários que já estão inseridos na base de dados.

### **A recolha da informação**

À partida, havia já alguns dados relativos às alminhas do concelho a que foi possível recorrer, de modo a facilitar a pesquisa:

- No Gabinete de Arqueologia, foi sendo elaborado um ficheiro em que se registavam as alminhas que iam sendo encontradas no decurso de deslocações ao campo, e que continha dados relativos a cerca de 120 destes monumentos. A profundidade da informação relativa a cada um era muito variável. Poderia incluir fotografia, leitura de inscrições ou datas, medidas, estado de conservação ou apenas parte destes dados;
- Recorreu-se também a fotografias existentes em arquivos pessoais que não tinham sido alvo de inserção em qualquer inventário, que serviram de referência para locais a pesquisar;
- Existem algumas informações relativas a alminhas inseridas em monografias locais. Na grande maioria dos casos, são apenas inventários parciais, mas que também facilitaram o levantamento;

Com base nestes dados, começou o processo de percorrer as estradas e caminhos do concelho, identificando todas aquelas alminhas em relação às quais já existia alguma informação. Como é natural, ao efetuar esses percursos, foram sendo detetadas outras que ainda não se conheciam. Foram também percorridos caminhos antigos em que não existia qualquer referência mas que, pelas suas características, indicavam haver boas probabilidades de terem alminhas. Por outro lado, ao longo destes trajetos, foi-se recorrendo à ajuda de moradores que nos pudessem dar a conhecer outras, frequentemente em caminhos já pouco usados, ou mesmo totalmente abandonados. Em certas situações, foi mesmo necessário fazer percursos a pé para as localizar, ou por estarem afastadas dos caminhos ou por estes já não permitirem a circulação automóvel.

Uma fonte adicional de informações que pudessem ampliar o levantamento foi o contacto com funcionários da Câmara Municipal oriundos das diversas localidades, ou elementos das juntas de freguesia.

Por último, pesquisaram-se fontes disponíveis na Internet: blogs, sítios de freguesias ou associações culturais, páginas de alojamento de fotografias, ou mesmo a ferramenta Street View, do Google Maps.

Aliando todos estes procedimentos, obtivemos, até ao momento, os dados relativos a 296 alminhas, havendo apenas um número residual de outras referências que ainda não foi possível confirmar.

## O registo dos dados

Ao identificar uma alminha, desencadeia-se um conjunto de tarefas padronizadas, de modo a registar a informação necessária, segundo critérios que permitam o estudo e comparação de dados. São as seguintes:

1. Georreferenciação, com recurso a um projeto criado na plataforma GISCloud

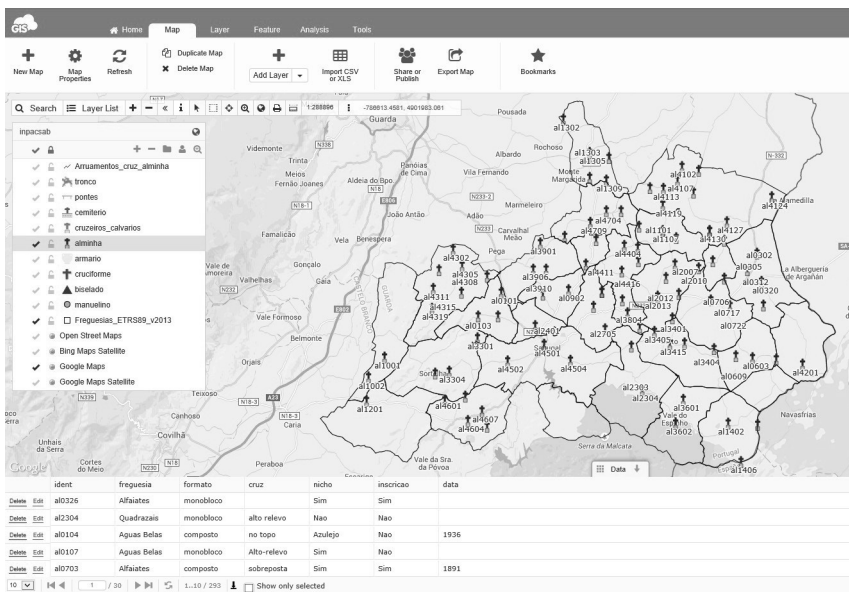


Figura 1. Imagem do registo de alminhas na plataforma GISCloud.

2. Fotografia
3. Leitura de inscrições
4. Leitura de datas

5. Medição (dimensões totais, de nichos e de cruzes)
6. Registo de memórias locais associadas
7. Registo de particularidades dignas de nota

Todos estes dados foram depois inseridos numa base de dados criada com recurso ao programa Microsoft Access 2013.

O desgaste causado pelos agentes climatéricos e pela ação do homem dificulta a leitura das inscrições existentes em alguns destes monumentos, por se encontrarem muito apagadas ou revestidas com líquenes. Para além da limpeza das superfícies gravadas, recorreu-se à técnica da fotogrametria digital para os casos mais difíceis. O método permite criar, a partir do conjunto de fotografias tiradas de diferentes ângulos, uma imagem tridimensional da superfície epigrafada (no programa informático Autodesk 123DCatch). Posteriormente, a imagem resultante é inserida no software MeshLab que, mediante a aplicação de diversos filtros de luz ou textura, possibilita a obtenção de melhores leituras das inscrições (Figura 2).



Figura 2. Exemplo da utilização da metodologia fotogramétrica na leitura de epígrafes.

## Primeiros resultados

Tendo-se recolhido informação relativa a cerca de trezentas alminhas, foi possível definir um primeiro esboço tipológico. Agrupámos o conjunto inventariado em quatro tipos, com um número variável de subtipos. O quadro 1 apresenta a tipologia, com exemplos para cada caso.

### 1. ESTELA



1A – Cruz



1B – Nicho



1C – Cruz separada de nicho escavado



1D – Cruz unida a contorno de nicho

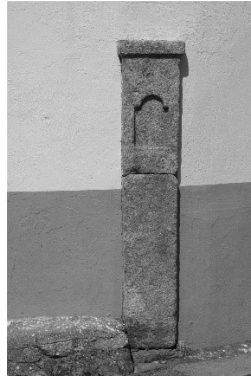


1E – Cruz e nicho em relevo separados

## 2. PILAR



2A – Cruz e nicho



2B – Apenas nicho

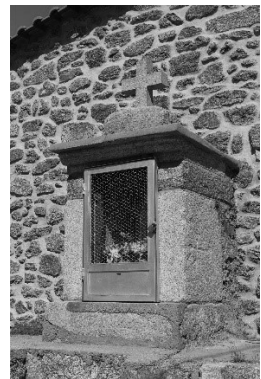
## 3. COMPOSTO



3A – Um nicho



3B – Dois nichos



3C – Outros

4. OUTROS



4A – Apenas nicho



4B – Nicho e cruz



4C – Atual: cruz



4D – Atual: pilar



4E – Atual: outro

Quadro 1. Tipologia das alminhas do concelho do Sabugal.

### Análise cronológica

Cerca de metade das alminhas apresentam uma data gravada. Tendo-se feito o levantamento exaustivo das cifras, foi possível elaborar um gráfico cronológico onde é visível um aumento crescente de monumentos ao longo do século XIX, seguido de uma forte queda nas primeiras décadas do século XX (Figura 3), que poderemos atribuir à influência das ideias republicanas, pouco recetivas às práticas religiosas tradicionais.

Os valores voltam aumentar no período do Estado Novo, fruto certamente da campanha, atrás referida, promovida por Francisco Babo, e também ao peso que a Igreja retomou durante esta época. A partir de 1960, a forte emigração terá tido influência no seu quase desaparecimento. Durante os anos setenta, começam a tornar-se vulgares os casos associados a acidentes de viação, que constituem a grande maioria dos mais recentes.

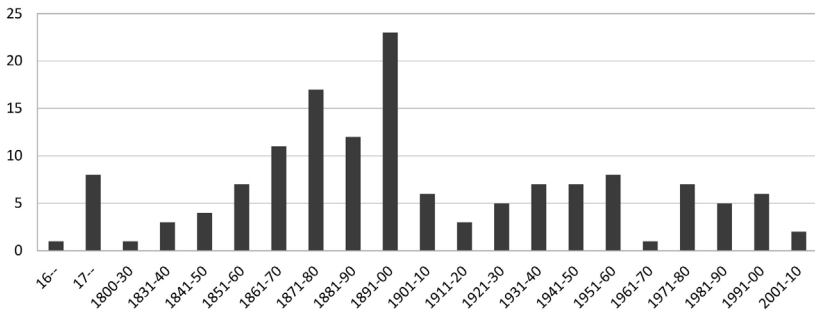


Figura 3. Distribuição das datas das alminhas por decénios.

### Análise espacial

A georreferenciação de cada exemplar deste *corpus* de alminhas, através dos recursos informáticos disponíveis nos sistemas de informação geográfica (SIG), permitiu-nos não só cartografar as ocorrências, mas também proceder a algumas análises espaciais e retirar diversas ilações sobre a sua distribuição pelo concelho do Sabugal.

Por exemplo, no mapa que assinala as ocorrências de alminhas (Figura 4), é possível obter uma perspetiva da sua dispersão pelo território e concluir que

estes monumentos se repartem de forma homogénea por todos os âmbitos geomorfológicos, evitando apenas as áreas mais elevadas do concelho, onde só 4 exemplares ficam acima do 1000 m de altitude.

Na Figura 5, estão representadas as áreas de maior densidade, destacando-se, em tons claros, os pontos onde existem mais de 5 alminhas, num raio de 2 km. E, de facto, confirma-se a sua maior concentração na margem direita do rio Côa, nas freguesias do Soito, Alfaiates, Rebolosa, Aldeia da Ponte e Bismula, havendo menor densidade na margem oposta, onde apenas Vila do Touro, Pousafoles e Penalobo denotam pequenos focos.

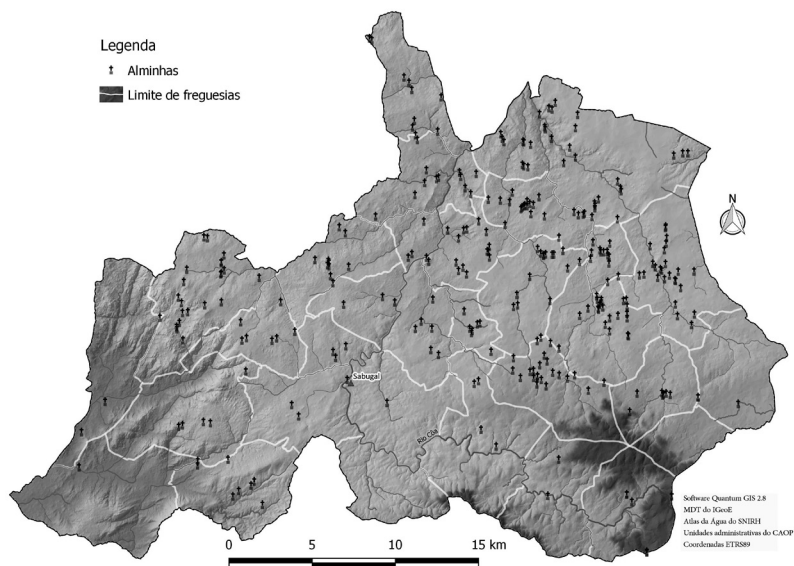


Figura 4. Distribuição das alminhas pelo concelho do Sabugal.

Não foi possível determinar as causas da maior adesão das comunidades raianas ao fenómeno, mas constatamos que, de facto, o território ocidental revela menor número de exemplares, por motivos de cariz religioso, ritual ou cultural, ainda desconhecidos.

Olhando agora para a quantificação de exemplares por freguesia, constatamos que Aldeia da Ponte e a União de freguesias de Vilar Maior, Aldeia da Ribeira e Badamalos são as que apresentam maior número de ocorrências, com um máximo de 35 alminhas, devido igualmente à sua maior área territorial (Figura 6). Em oposição, a parte meridional do concelho, nas faldas da serra da Malcata, mostra uma escassez de exemplares, destacando-se a própria freguesia da Malcata, sem qualquer alminha identificada. As freguesias de Aldeia do Bispo, Lageosa da Raia, Forcalhos e Casteleiro também revelam apenas 1 ocorrência. Na análise quantitativa é fácil verificar ainda que são poucas as freguesias que ultrapassam 1 dezena de alminhas, ocorrendo isso praticamente em 8 unidades administrativas.

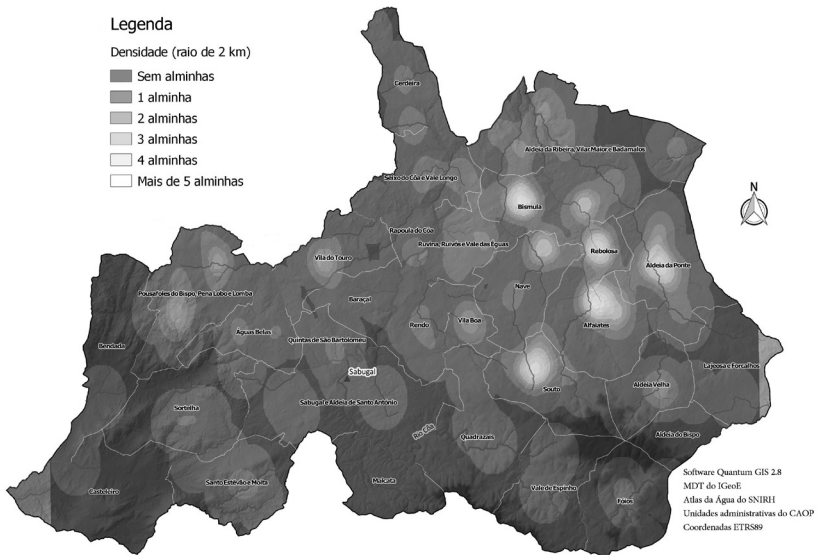


Figura 5. Áreas de maior densidade de ocorrência de alminhas.



Os SIGs permitem estabelecer algumas ótimas correlações entre pontos e determinadas características geográficas que tenhamos em consideração, como por exemplo o substrato geológico, que era um aspeto que nos interessava bastante investigar. Os resultados confirmam o que já esperávamos: a menor densidade de ocorrências em solos xistosos, que explicam a sua escassez a sul do município (Figura 7).

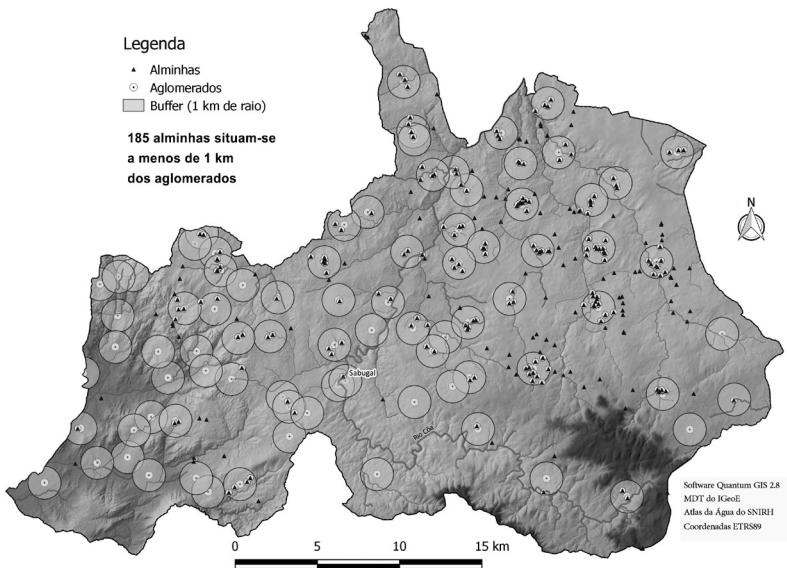


Figura 8. Relação entre aglomerados e a distribuição das alminhas.

Dado que houve preferência pelo granito, a produção e o seu transporte para as freguesias mais meridionais, onde este não abundava, encarecia consideravelmente. Assim, excetuando o Soito, todas as freguesias de predomínio xistoso ou de cascalheiras planálticas mostram fraca densidade (Figura 7).

Um dos principais objetivos desta reflexão era verificar que fatores interferiam nas zonas de maior densidade de alminhas. A hipótese mais viável era a proximidade aos aglomerados.

Assim, tendo assinalado todos os núcleos populacionais do município e definida a respetiva área de influência com 1 km de raio, verificámos que

185 alminhas encontram-se realmente a menos de 1 km das povoações (Figura 8), o que corresponde a cerca de 2/3 da totalidade. Isto mostra que de facto os aglomerados constituem os centros de gravitação das alminhas.

Interessante foi constatar o impacto da presença destes monumentos na toponímia urbana das povoações, devido à sua existência nas imediações, identificando-se casos como o Largo da Cruzinha, a Rua do Cruzeiro, o Largo das Alminhas ou a Rua da Cruz de Pedra, em alguns aglomerados do concelho.

Na nossa cartografia verificámos que 16 alminhas estavam, de facto, associadas a estes topónimos. Nos casos em que não existia correlação com estes monumentos pode dever-se ao facto de terem sido, entretanto, retirados do local ou pela existência de outros fenómenos religiosos nas proximidades.

Outro elemento considerado como possível foco de atração para as alminhas foram os cemitérios. E, de facto, em 65 cemitérios assinalados, existem alminhas na proximidade de 22 deles. Naturalmente, pode não haver uma relação direta, mas é um fator que deve merecer ponderação.

Por fim, confirmou-se também o que se tem defendido sobre este assunto: que há uma estreita relação entre as alminhas e os caminhos mais antigos. Basta lembrar que este é o seu local de preferência e que estes monumentos assinalam, muitas vezes, locais de morte violenta e repentina de viajantes.

Tendo por base a rede viária antiga desenhada, no trabalho desenvolvido nos últimos anos no Gabinete de Arqueologia Municipal, assinalando os traçados que, por documentação consultada, informação oral ou batida de campo, constituem os percursos considerados mais antigos (alguns milenares) e, de facto, verifica-se que em muitas situações as alminhas acompanham esses traçados ao longo de vários quilómetros.

Em contrapartida, este trabalho de georreferenciação intensiva permitiu detetar alminhas em caminhos que não tinham sido previamente considerados como traçados antigos, os quais teremos agora que reavaliar no decurso do estudo da viação antiga do concelho.

## **Conclusão**

Terminada esta tarefa de inventariação das alminhas do concelho do Sabugal, achamos importante que o trabalho prossiga. Nesse sentido, foi apresentado à Câmara Municipal um plano de preservação das alminhas, chamando a atenção para a sua importância.

O plano contempla a limpeza de silvas e outra vegetação que as cubra, a remoção parcial e acautelada de musgos e líquenes (sem danificar a pedra), a recolocação dos monumentos caídos e ou fraturados, e a elevação dos exemplares semienterrados (pela subida do nível de estrada ou caminho junto do qual se encontram), concluindo com a realização de uma exposição no Museu do Sabugal e a edição de livro com o inventário, o estudo mais aprofundado e a análise comparativa com outras regiões do país.

### Bibliografia

- ABREU, Fernando; MIRANDA, Rui (2001), *Alminhas do concelho de Condeixa-a-Nova: levantamento fotográfico*. Condeixa-a-Nova: Câmara Municipal, 95 p.
- BABO, Francisco de (1956), *“Alminhas”: padrões de Portugal cristão* (4.<sup>a</sup> ed.). Ermesinde: Colégio de Ermesinde.
- FIGUEIREDO, C. J. Moreira de (1961), As alminhas, *Beira Alta*, Viseu, 20:1, 1.º trim., p. 185-249; 20:2, 2.º trim., p. 335-347.
- MARQUES, João Francisco (2000), A crença no Purgatório: os sufrágios e a devoção às Almas, In Azevedo, Carlos Moreira (dir.) – *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. 2 – Humanismos e reformas, p. 587-601.
- PÊGO, Maria Carlos Chieira Mariano (1997), *Roteiro das alminhas do Concelho de Sever do Vouga*. Sever do Vouga: Câmara Municipal, 324 p.
- PEREIRA, Ricardo (2007), *Alminhas, cruzeiros e vias-sacras do concelho de Paços de Ferreira: religiosidade e cultura popular*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal, 245, [2] p.
- RESENDE, Nuno (coord.), (2006), *O Compasso da Terra. A arte enquanto caminho para Deus. Vol. II – Tarouca*. Lamego: Diocese de Lamego
- RODRIGUES, José António Afonso (2003), *Marcos de santidade nos caminhos do Rochoso. O silêncio dos costumes*. Guarda: Núcleo de Animação Cultural da Câmara Municipal da Guarda.
- RODRIGUES, Olinda Maria de Jesus (2010), *As alminhas em Portugal e a devolução da memória. Estudo, recuperação e conservação*. Lisboa: UL / FLUL / Departamento de História da Arte [dissertação de mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro]
- TORRES, Jorge (2011), Alminhas de ontem e de hoje, *Sabucale*, Sabugal, 3, p. 83-90.